



O SARAU COMO PRÁTICA ARTÍSTICO-CULTURAL INTERDISCIPLINAR NO ENSINO MÉDIO

Marcelo de Castro¹, Edilaine de Araújo²

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos/UFMG/IPEM, marcelocastromc@hotmail.com

² Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa/ PUC Minas/IPEM, edilainesoares@yahoo.com.br

Resumo: Este texto objetiva relatar uma prática artístico-cultural interdisciplinar que envolveu professores e alunos do Ensino Médio de uma escola privada de Belo Horizonte (MG). Com amparo teórico-metodológico na Pedagogia de Projetos, um sarau, com a temática integradora arte e tempo, foi planejado, produzido, apresentado e avaliado por esses participantes. Como resultados, destacam-se a desfragmentação dos componentes curriculares, a mudança na tradicional configuração dos papéis de docentes e discentes, a aprendizagem mais significativa e o desenvolvimento da autonomia e da criatividade.

Palavras-chave: Pedagogia de Projetos, Ensino Médio, Interdisciplinaridade, Linguagens, Sarau.

1. Introdução

A arte é uma linguagem natural dos seres humanos e, por meio dela, eles são capazes de conhecer, interpretar e modificar a realidade. Currículos escolares que privilegiam atividades e projetos integradores de arte e educação oportunizam o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades estéticas, artísticas, que, por sua vez, envolvem corpo, movimento e inteligência emocional. Também podem promover o conhecimento da cultura, tanto erudita quanto popular, além de abrir espaço para o aprofundamento nas relações entre professores e alunos.

Na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) para o Ensino Médio, está a necessidade de as instituições escolares promoverem o reconhecimento, a valorização e a fruição das diferentes manifestações artísticas e culturais. Esse documento também reforça a importância de que os estudantes se apropriem das práticas dessa natureza e participem ativamente no processo de produção delas, pois é crucial que eles

possam assumir o papel de protagonistas como apreciadores e como artistas, criadores e curadores, de modo consciente, ético, crítico e autônomo, em saraus, performances, intervenções, happenings, produções em videoarte, animações, web arte e outras manifestações e/ou eventos artísticos e culturais, a ser realizados na escola e em outros locais (BRASIL, 2018, p. 475).

Tendo ciência disso e almejando alcançar tais diretrizes educacionais, em 2019, decidimos, enquanto professores na área de Linguagens, construir – em conjunto a



nosso discentes do Ensino Médio, de uma escola privada de Belo Horizonte (Minas Gerais) – um sarau cuja temática foi a correlação entre a arte e o tempo. A seguir, apresentamos a metodologia da proposta e os resultados alcançados, tendo em vista que o objetivo deste texto é relatar uma prática artístico-cultural – especificamente um sarau – elaborada de forma interdisciplinar na Educação Básica.

2. Aspectos teórico-metodológicos

Primeiramente, cabe pontuar que a instituição onde trabalhamos adota a Pedagogia de Projetos como eixo educativo, em prol de um processo de ensino-aprendizagem mais significativo, inovador e desafiador. Esse tipo de metodologia concebe que a experiência e a autonomia são fatores de extrema relevância à educação, dessa forma, os alunos devem, ativamente, envolverem-se em projetos de pesquisa, por meio da mediação dos educadores (BUCK INSTITUTE FOR EDUCATION, 2008). Buscamos, assim, o conhecimento, de forma interdisciplinar entre as áreas do conhecimento, a fim de incentivar a formação de um cidadão mais consciente, analítico, reflexivo, crítico, criativo e autônomo.

Nessa direção, não acreditamos que o professor é um transmissor de saberes, enquanto os discentes são receptores passivos que deverão memorizar o conhecimento transferido verticalmente; relação denominada por Freire (1987) como “educação bancária”. Na realidade, defendemos uma “educação libertadora” na qual tanto educadores quanto educandos estão ativamente implicados no processo educativo, marcado pelo diálogo, pela problematização, pela construção conjunta do conhecimento e pela conscientização (FREIRE, 1987).

Com base nessa postura pedagógica teórica e prática, a cada trimestre do ano letivo em nossa escola, um grupo de professores de determinada área se junta para definir as nuances de um tema a ser investigado, a partir das demandas e dos interesses do alunado. Posteriormente, a partir de visitas técnicas, pesquisas e debates, os conhecimentos construídos são sistematizados e apresentados à comunidade escolar.

Aqui, especialmente, relataremos a produção de um evento artístico-cultural – sarau, promovido pela área de Linguagens (composta por educadores que lecionam os seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Redação, Literatura, Inglês, Espanhol, Artes e Educação Física) junto a seis turmas do Ensino Médio (sendo duas do 1º ano, duas do 2º e duas do 3º), de uma escola da rede particular de ensino de Belo Horizonte. Fundamentados na Pedagogia de Projetos, sumariamente exposta acima, organizamos tal prática, realizada ao longo do último trimestre de 2019, a partir de seis etapas: I- Definição do tema; II- Planejamento, III- Execução, IV- Depuração, V- Apresentação e VI- Avaliação¹.

Na etapa I (“Definição do tema”), optamos por articular a arte – mote geral de

1 Todos os educadores colaboraram, em parte de suas aulas, com as etapas. Sendo assim, não é possível mensurar uma carga horária exata para cada uma destas, porém, ao todo, o projeto durou três meses.



um sarau – com a temática do tempo. Ao apresentar a ideia e essa escolha aos discentes, construímos algumas provocações, como: “As vozes do tempo ecoam na medida em que refletimos sobre ele. Logo, primeiramente, precisamos pensar: o que é o tempo?”; “O tempo é uma ideia literal e/ou simbólica, metafórica?”; “O tempo que rege o que é produzido na música, nas artes plásticas, na moda... Como as manifestações artísticas se constituem no decorrer do tempo?”; “O tempo da história é cíclico?”. Nesse debate inicial, os alunos foram convidados a uma espécie de diagnóstico, no qual deveriam expor suas visões pessoais e preliminares sobre arte em conexão ao tempo. A pergunta “Para você, o que é o tempo?” iniciou a discussão e um posterior registro escrito. Cada um, nessa produção textual, mostrou a sua visão e seu entendimento sobre o tempo e, ao final, os discentes puderam perceber a multiplicidade de significações e de possibilidades a partir da temática.

No “Planejamento” (etapa II), depois da problematização, os educandos precisaram pensar sobre as ações processuais a serem tomadas até a apresentação final do sarau. Isso, evidentemente, incluiu atividades de pesquisa para se informarem não só a respeito do tema, mas também das nuances técnicas e conceituais para a produção de um sarau. Logo, nesta etapa, os discentes elencaram o que precisariam e gostariam de fazer, além de definirem como seria feito. O direcionamento, nesse momento, foi dado a partir das próprias percepções dos educandos sobre o tempo, ou seja, os registros serviram de ponto de partida para iniciar uma “narrativa” do sarau. Assim, surgiram ideias que entrelaçavam o tempo, a história e a memória.

Feito isso, passamos para terceira etapa (“Execução”), na qual fizemos uma seleção de “histórias a contar” para daí cada estudante perceber de que maneira poderiam participar, ou seja, com que tipo de apresentação (teatro, dança, música, leitura dramática etc.) eles se sentiriam mais confiantes, felizes, produtivos e criativos. Ademais, os alunos foram convidados a participar de uma exposição fotográfica, “O outro lado da montanha”, do premiado fotógrafo mineiro José Luiz Pederneiras, na Galeria de Arte do Centro Cultural Minas Tênis Clube (CCMTC), em Belo Horizonte. Antes da exposição, fizemos um estudo do poema “A montanha pulverizada”, de Carlos Drummond de Andrade, a fim de refletirmos sobre as obras expostas pelo artista, já que as fotografias contavam essa história sobre o olhar para as montanhas de sua infância, como ele se lembrava delas e como são hoje, com a ação não apenas do tempo, mas das atividades mineradoras que modificaram a paisagem. Com essas vivências, pudemos passar para a construção do roteiro, com as falas e as apresentações que foram escolhidas para serem organizadas, de modo a mostrar que queríamos, de fato, contar uma história com base no que foi construído desde o início.

A quarta etapa (“Depuração”) foi o momento de realizar os ensaios das apresentações e discutir a respeito do que já estava consolidado e o que carecia de mudanças ou de maior engajamento individual e coletivo. A mediação docente foi essencial nessa hora, pois os professores atuaram como “curadores” das apresentações prévias das turmas, com o objetivo de fornecer um *feedback* necessário para o êxito da



próxima etapa. Naquele momento, os alunos sentiram-se desafiados a dançar, cantar, fazer performances de poemas, esquetes teatrais, tocar algum instrumento ou mesmo ficar nos bastidores, entendendo que todos são fundamentais para o sucesso de um espetáculo.

A “Apresentação”, penúltima etapa, foi a conclusão e a socialização do projeto. Para que familiares, amigos e demais membros da comunidade escolar pudessem prestigiar o sarau, intitulado como “Manifestações culturais no caleidoscópio do tempo”, o evento foi agendado para o período noturno e realizado no auditório do colégio.

Por fim, na sexta e última etapa (“Avaliação”), conversamos com os alunos sobre os resultados alcançados, com o intuito de despertar a criticidade sobre as ações por nós desenvolvidas. Como o projeto acontece anualmente, apenas com a mudança do tema, sempre refletimos sobre as conquistas da experiência daquele e os desafios para o próximo.

3. Resultados

A partir da metodologia detalhada, podemos explicitar e discutir inúmeros resultados positivos por meio de uma prática como a realizada. De forma mais ampla, vislumbramos como a Pedagogia de Projetos (BUCK INSTITUTE FOR EDUCATION, 2008) pode ser, efetivamente, colocada em prática, como uma perspectiva inovadora ao tradicionalismo educacional ainda vigente na maioria das escolas brasileiras. Desse modo, buscamos conectar as práticas escolares às múltiplas dimensões da realidade externa à escola, as quais também implicam planejamento, investigação, apropriação dos processos, registro, problematização, execução, solução de problemas, depuração, avaliação etc.

Ainda no âmbito mais geral, tornamos a aprendizagem mais significativa e atrativa para os discentes, ao conduzir o processo de ensino-aprendizagem sem imposições e autoritarismos, mas numa relação mais horizontalizada em que os talentos e as predisposições individuais puderam ser descobertos e/ou desenvolvidos por meio de mobilizações cognitivas inerentes à construção, à organização e à aplicação de ideias. Durante todo o processo construtivo, a colaboração, o respeito, a empatia e o esforço pessoal fizeram-se presentes e tiveram, como consequência, novas formas de ser, estar, pensar e agir no mundo, tanto para alunos quanto para professores.

Em caráter mais particular, o sarau é um evento cultural que viabiliza a expressão de uma gama de manifestações artísticas, como dança, música, teatro, poesia etc., o que ativa várias competências e habilidades. Os estudantes sempre nos surpreendem pela autonomia e criatividade que são capazes de engendrar em um projeto que valoriza o estético e a fruição. Muitos se sentiram desafiados a romper barreiras, como a timidez de falar/aparecer para um público maior e, assim, ser alvo do julgamento alheio. Na conexão arte e tempo, houve: poemas declamados sobre o tema; danças e músicas de



vários ritmos/gêneros (como “Senhor do tempo”, de Charlie Brown; “Epitáfio”, dos Titãs; “Trem-bala”, de Ana Vilela; “Costura da vida”, de Sergio Pererê; “Tempo de alegria”, de Ivete Sangalo; “Tempo perdido”, Legião Urbana, entre outras); teatro de sombras retratando a evolução humana desde o primeiro hominídeo; esquetes teatrais sobre a fugacidade do tempo e as fases da vida (infância, adolescência, idade adulta, velhice) etc.

Em meio a essa diversidade, entendemos que projetos, como o proposto, rompem com a tradicional fragmentação das disciplinas, ao integrarem vários componentes curriculares. Isso soa como um grande ganho, tendo em vista os desafios temporais e espaciais que ainda perfazem a rotina das instituições escolares; mesmo que documentos educacionais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2000, 2006), já postulem essa desfragmentação curricular desde o início dos anos 2000.

Sobre a temática em si, visamos aprofundar sobre o tempo e sobre como o humano lida com ele, assim, não é possível chegar a uma conclusão, tampouco trilhamos caminhos prontos. Por isso, objetivamos que cada espectador fizesse a sua trajetória na interpretação ou na construção do que foi proposto pelos próprios educandos. Tentamos, pois, propiciar, sempre, a reflexão a respeito de como o tempo é essencial para a construção do que somos. Nessa direção, junto aos estudantes, fitamos passar diferentes mensagens sobre o tempo, sobre como este pode ser elo, amigo, apaziguador, momento de retomar às nossas memórias e origens, procurando significar essa sensação do escapar do tempo que existe no outro e em nós.

Por fim, registramos, como um desafio dessa perspectiva metodológica, o fato de alguns (poucos) discentes não se motivarem, identificarem, envolverem com esse rompimento do tradicionalismo tão comum no ensino-aprendizagem. Interesse e responsabilidade são valores bastante necessários a uma nova configuração de papéis entre professores e alunos no contexto escolar atual.

4. Considerações finais

O trabalho com a Pedagogia de Projetos, especialmente quando este tem como base a arte, nas suas mais diferentes linguagens, move-nos para construir, de alguma forma, uma educação que faça sentido na realidade dos alunos. Além disso, ajuda-nos a promover movimentos que não são naturais no seu cotidiano, como subir ao palco, conhecer uma música que seja constitutiva da nossa história e cultura, desenvolver uma entonação de voz para “dar vida” a um poema e, até mesmo, desenvolver capacidades de liderança, tomada de decisão, organização e comunicação com seus pares.

Assim, o estudante passa a descobrir outros significados para o que já está dado e desenvolve novos valores, como parte essencial do processo. O professor, por sua vez, deixa de ser o detentor do conhecimento para, ciente das orientações normativas educacionais vigentes, direcionar e orientar a investigação e a construção do conhecimento por parte do alunado, de modo que este saiba conviver, conhecer, fazer,



construir, duvidar, refletir, expor etc.

Portanto, o projeto relatado, anualmente, é momento de, na prática, entendermos o valor da educação para a vida e para a construção do sujeito social, que é um amálgama de vivências, sensações e experiências conectadas aos saberes científicos. Para tanto, reiteramos que, cada vez mais, precisamos repensar nossas metodologias de ensino de forma mais integradora entre os componentes curriculares e mais significativa aos envolvidos.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, versão entregue ao CNE em 03 de abr. de 2018. Disponível em: <encurtador.com.br/ampvF>. Acesso: 20 abr. 2020.

BRASIL. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+)**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <encurtador.com.br/fuOS0>. Acesso: 20 abr. 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília, MEC, 2000. Disponível em: <encurtador.com.br/pESX2>. Acesso: 20 abr. 2020.

BUCK INSTITUTE FOR EDUCATION. **Aprendizagem Baseada em Projetos**: guia para professores de ensino fundamental e médio. Tradução Daniel Bueno. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.